

TEXTOS LITERÁRIOS COMO FONTE HISTÓRICA: interpretação do poema “A Rosa de Hiroxima”

Literary texts as a historical source: interpretation of the poem “The Rose of Hiroxima”

Ana Noredi Schuster

Beatriz Carvalho

Mônica Lopes Hadas¹

Resumo: Textos literários, sejam eles livros, prosas ou poesias, carregam contextos históricos embasados na linguagem poética em que está transcrito e possuem vertentes claras de opiniões de seus autores. Cabe ao historiador, ao usá-lo como fonte histórica, fragmentar e desmembrar através de sua pesquisa os conceitos históricos, políticos e sociais contidos no texto, tomando cuidado para não cair na obviedade. O objetivo desta pesquisa é usar o texto literário, aqui, no caso, o poema “A Rosa de Hiroxima”, como fonte histórica para o estudo dos danos causados pelas bombas nucleares atiradas em Hiroshima e Nagasaki, ao final da 2ª Guerra Mundial. A metodologia aqui aplicada é da Hermenêutica, porém, não apenas como significado das palavras, mas também como contexto social histórico, fragmentando os versos para melhor observação. Após o fracionamento dos versos concluído, percebe-se um autor (Vinicius de Moraes) preocupado, assustado e perplexo com os rumores dos danos causados pela radiação.

Palavras-chave: Poema. Hiroshima. Fonte histórica.

Abstract: Literary texts be they books, prose or poetry, carry historical contexts based on poetic language in which it is transcribed and have clear tendencies of opinion of the authors. It is up to the historian, by using as it as a historical source, fragment and dismember through their research the historical, political and social concepts contained in the text, taking care of not to fall into the truism. The purpose of this research is to use the literary text, in this case, the poem “A Rosa de Hiroxima” as historical source for the study of damages caused by nuclear bombs in Hiroshima and Nagasaki at the end of the World War II. The methodology applied here is the hermeneutics, but not only as the meaning of words, but also as historical social context, fragmenting the verses for best observation. After completing the fractionation of the verses, we noted an author (Vinicius de Moraes) worried, scared and perplexed with rumors of the damages caused by radiation.

Keywords: Poem. Hiroshima. Historical source.

Introdução

Toda fonte histórica, seja ela primária ou secundária, impressa em documentos oficiais, comentada por um grupo em uma roda de conversa, desenhada em uma parede de caverna, (citamos aqui, como exemplo, a Caverna de Lascaux, patrimônio histórico da humanidade), estampada em uma fotografia de família, é digna de ser pesquisada, detalhada e esmiuçada. Como já dizia Marc Bloch, “o bom historiador se parece com o ogro da lenda, onde fareja carne humana, sabe que está ali sua caça”.

A “história total”, nascida na escola dos Annales e que ganha ênfase na Nova História Cultural, aproxima do historiador fontes, antes, descartadas pelos métodos “rankeanos” positivistas e coloca em destaque todas as fontes históricas, entre elas, os textos literários descritos em livros, prosas e poesias, pois são objetos culturais de uma sociedade. Cabe, então,

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br.

ao historiador explorar, dentro destes textos, a formulação da escrita, vida, obra e pensamento do autor, o contexto e o momento histórico no qual ele foi escrito, ter visão crítica sobre como o receptor lidará com o que lê, e descobrir qual é a finalidade inserida na produção literária.

Este breve estudo que segue tem como objetivo: exemplificar estas questões através de análise hermenêutica do poema “A Rosa de Hiroxima”, escrito pelo poeta e músico brasileiro Vinícius de Moraes, que trata de forma poética os abalos químicos, ambientais, físicos e psicológicos das pessoas e regiões, onde, ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América aplicou seu golpe de misericórdia para dar por encerrado o grande conflito mundial: o lançamento das bombas nucleares batizadas pelos estadunidenses de *Fat Man* e *Little Boy* sobre Hiroshima e Nagasaki, causando destruição, pânico, milhares de mortes e acarretando consequências físicas, motoras e psicológicas em outras gerações dos sobreviventes.

Desenvolvimento

Bloch (2001) enfatizava que o método de pesquisa positivista é limitado, por somente averiguar e transcorrer fatos históricos através de coleta de dados, retirando a totalidade do estudo de causa; da “história total” se abstrai apenas a ação. Como um dos fundadores da Escola dos Annales, Bloch (2001) teve vasta influência para a inserção de novos métodos de pesquisa e estudos historiográficos. Para o autor, a história não pode paralisar no tempo apenas como uma narrativa dos fatos, ela deve progredir constantemente, ou seja, a ciência histórica não é caracterizada com símbolos, como a matemática e a química, esta ciência é salientada na linguagem, seja oral, escrita ou simbólica.

A partir do século XX, com a inserção de novos métodos de produção histórica, a “historiografia do problema”, voltada para todas as atividades humanas, ganha destaque, e por consequência da sua totalidade, é necessária a colaboração interdisciplinar. França et al. (2014) analisam que tratando especificamente de fontes históricas, o historiador tem o direito de escolher seu objeto de estudo com as inúmeras fontes históricas disponíveis, sejam elas primárias ou secundárias. A literatura é qualificada como um documento escrito e publicado, sendo possível utilizá-la como fonte para verificar a representação construída.

Observando como o literato alia as regras de escritas, as restrições, os critérios e as convenções, o estético e o criativo à elaboração de suas reflexões sobre a realidade que o cerca e aquela que representa, o conteúdo, como temas e questões abordadas e ainda como forma, requer ser problematizado e relacionado à dimensão temporal, buscando perceber o texto como campo de tensões e contradições (BORGES, 2010, p. 102).

A Nova História cultural, com seus pilares fundados na escola francesa, atenta-se aos aspectos socioculturais, simbólicos e discursivos. A análise de discursos, amplificada pelo filósofo francês Michel Foucault e pelo historiador francês Roger Chartier, definem as práticas discursivas e a comunicação como cultura. As práticas e as representações, definidas como “práticas culturais”, englobam fatores em que se pode construir uma problemática através de qualquer fonte histórica (BARROS, 2010).

Segundo Fonseca (2003), uma das principais discussões na área metodológica do ensino de História tem sido o uso e a procura de diferentes linguagens e fontes. A princípio, mostra-se que todas as linguagens, todos os veículos e materiais, frutos de múltiplas experiências culturais, contribuem para a produção e a difusão de saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, e o quão diversificado pode ser as fontes dos saberes. Partindo destas considerações, entende-se que o poema, como fonte e linguagem que traduz uma porção de

interpretação de determinado contexto histórico, visa explicar o real por meio de um diálogo que se dá entre o historiador e os testemunhos, os documentos, que evidenciam o acontecido (FONSECA, 2003).

Para uma problematização e formulação de hipótese referente a textos literários, como o poema, é recorrente a interdisciplinaridade, a junção de ciências irmãs, como História, Sociologia e Filosofia. A análise hermenêutica objetiva textos, usados por historiadores, principalmente, como metodologia de educação/ensino, é prática derivante da Filosofia, que usam interpretações sequenciais, exercício mental de construção para construir uma totalidade (WELLER, 2007).

Usando deste método, este *paper* fragmentará o poema ‘A Rosa de Hiroxima’, de Vinicius de Moraes, exemplificando os versos poéticos do poema para os acontecimentos históricos, ocorridos em agosto de 1945, os ataques fulminantes nucleares dos Estados Unidos em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, com o lançamento das bombas nucleares *Little Boy* e *Fat Man*, causando a morte de mais de 140 mil civis. A análise mais profunda do poema traduz anseios, demandas, inquietações e problemas do contexto vivido ou racionalizado pelos seus autores que, poeticamente, tentam explicitar estes fatos. No entanto, não podemos negligenciar os recursos de linguagens e suas digressões, pois estes podem nos trair ou nos levar a conclusões que podem perpassar a real intenção da obra, não esquecendo a inserção dela em seu contexto histórico, para que o historiador possa evitar um anacronismo desmedido.

Análise e hermenêutica do poema

Analisaremos a especificidade dos problemas (nível micro) e, ao mesmo tempo, a universalidade de muitos problemas vividos por nós (nível macro) (FONSECA, 2003). Transcrevemos o poema “A Rosa de Hiroxima”, de autoria de Vinicius de Moraes, publicado originalmente no livro “Sonetos de felicidade de outros poemas”, na segunda fase da carreira de Vinicius, que estava mais aberto a temas cotidianos e conflitos político-sociais.

Foi escrito em 1946, quando ele era diplomata brasileiro na França, e como todo o mundo vivia de perto os horrores da guerra. Musicado em 1973 por Gerson Conrad (integrante da banda Secos e Molhados), está entre as 100 maiores músicas brasileiras, segundo a revista Rolling Stone (ALBUQUERQUE, 2016, p. 4):

A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A antirrosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

Badaró, Silva e Jesus Junior (2013) analisam hermeneuticamente os verbos do poema e trazem algumas considerações: tratando-se do primeiro bloco “Pensem nas crianças/Mudas telepáticas/Pensem nas meninas/Cegas inexatas”, há referência explícita sobre os efeitos da radioatividade corrosiva nas vítimas da bomba e, por conseguinte, em outras gerações, através da hereditariedade. Os efeitos nocivos à cultura, à economia e à política oriental, com o avanço do Imperialismo europeu e estadunidense.

No segundo bloco “Pensem nas mulheres/ Rotas alteradas”, vê-se a migração das mulheres devido à devastação ambiental nas áreas afetadas e também para evitar as contaminações, além da morte de muitos homens (maridos/filhos) durante a guerra. “Pensem nas feridas/ Como rosas cálidas”, este terceiro bloco arremete as marcas traumáticas deixada pelos ataques, tanto física quanto emocionalmente, queimaduras, feridas, ferimento de orgulho de um país, todo o processo que passaria a reconstrução das cidades.

O quarto bloco, “Mas oh, não se esqueçam/ Da rosa da rosa/ Da rosa de Hiroxima”, faz menção simbólica ao objeto causador de tantos males, a bomba, neste caso, a bomba de urânio atirada em Hiroshima, *Little Boy*. “A rosa hereditária/ A rosa radioativa/ Estúpida e inválida/ A rosa com cirrose”, versos que compõem o quinto bloco, trazem os dois lados extremos, primeiro da inovação tecnológica e ilustrações humanas como norteadores do desenvolvimento científico e tecnológico, segundo que mesmo com todo este alto índice de desenvolvimento, não impediu a estupidez do ataque, gerando malefícios psicológicos, e físicos verificados imediatamente após o lançamento da bomba.

Finalizando, o sexto bloco “A antirrosa atômica/ Sem cor sem perfume/ Sem rosa sem nada” traz o contraste entre a rosa vegetal, símbolo de uma flora saudável, de um meio ambiente saudável com a radioatividade letal da bomba, que devastou o ecossistema e as vidas humanas, acabando com a vida, deixando um vazio, um nada, o fim da vida, como um todo.

Borges (2010) indaga que a literatura também pode ser associada a representações históricas de um período, pois em um produto sociocultural, os fatos, as experiências, os signos, os hábitos, os sentimentos, as expectativas e as esperanças são retratados através da literatura, sob um filtro de olhar, sendo instrumento de novos caminhos. A literatura é uma forma de interpretar o mundo de maneira diferente, tendo suas próprias regras de produção, porém, dialoga com a realidade para confirmar o que já existe, ou criar algo novo. Borges (2010. p. 99) conclui que:

Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

O discurso literário envolve narrativas com especificidades próprias, manifestado em textos, prosas, poesias, poemas, versos, cada qual com sua característica, inclusive de como tratar questões relacionadas ao cotidiano da sociedade na época em que seu autor está inserido. Está dividido em vários gêneros: líricos, épicos, entre outros, caracterizados por suas escolas literárias. A própria narrativa historiográfica depara-se constantemente com tais figuras de linguagem (BORGES, 2010).

Considerações finais

No decorrer desta análise, podemos concluir que os textos literários são fontes históricas riquíssimas, pois trata-se de textos abertos, isto é, eles dão pluralidade aos contextos históricos inseridos e permitem várias construções de sentidos. São textos fáceis de memorização, o que faz com que criem uma coletividade social, guarda as marcas de um povo, de um fato, de um lugar. No entanto, também há fatores que nunca devem ser negligenciados pelos historiadores durante uma análise crítica do texto, deve haver, por parte do profissional, o cuidado minucioso de observar as particularidades da obra através da perspectiva do autor e um olhar mais atento as lacunas deixadas pela classificação literária.

Portanto, os textos literários são uma configuração poética do real e que usufrui do imaginário, como podemos observar na análise hermenêutica do poema trabalhado aqui “A Rosa de Hiroxima”, em que o autor Vinicius de Moraes estava em uma fase mais voltada às realidades sociais, abandonando um pouco o estilo romântico que há muito trabalhava, vivia os horrores da guerra e transpõe em sua poesia, através da figura simbólica de uma rosa, seus pesares e indignação com o bombardeio em Hiroshima e Nagasaki.

Referências

ALBUQUERQUE, Evaneide Nóbrega de. **Plano de aula (Ensino Médio): a rosa de Hiroshima**. 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/tcAYlj>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BADARÓ, Wilson Oliveira; SILVA, Monalisa Barbosa da; JESUS JUNIOR, Everaldo José de. **História e poesia: uma apresentação do uso da linguagem/fonte literária com acesso ao passado**. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/LpoSbg>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BARROS, José D' Assunção. **A nova história cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>>. Acesso em: 29 maio 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: CIP Brasil, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende Borges. **História e literatura: algumas considerações**. 2010. Disponível em: <http://www.historia.ufg.br/up/114/o/ARTIGO__BORGES.pdf>. Acesso em: 29 maio 2017.

FONSECA, Silva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. 7. ed. Campinas: Papirus 2003.

FRANÇA, Simioni et al. **Introdução aos estudos históricos**. Londrina: Educacional S/A, 2014.

GIORDANI, Mario Curtis. **História do mundo árabe medieval**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MORAES, Vinicius. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

WELLER, Wivian. **A hermenêutica como método empírico de investigação**. 2007.

Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT17-3288--Int.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2017.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.